

RECONSTITUIÇÃO DA ONTOLOGIA DO DISCURSO OPERÁRIO: A PARTICIPAÇÃO DAS MULHERES NO FAZER-SE CLASSE (ANOS 1980)

Milton Melo dos Reis Filho¹; Iraildes Caldas Torres²

[1] Professor doutor da Faculdade Maurício de Nassau - Manaus e da Secretaria Municipal de Educação de Manaus. Pesquisador do Grupo de Estudo, Pesquisa e Observatório Social: Gênero, Política e Poder vinculado ao Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia da Universidade Federal do Amazonas e CNPq. (E-mail: melomilton@ig.com.br).

[2] Doutora em Ciências Sociais / Antropologia e professora da Universidade Federal do Amazonas. (E-mail: iraildes.caldas@gmail.com).

Palavras Chaves: Mulheres, Trabalho, Fazer-se Classe.

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa sobre a participação das mulheres operárias no fazer-se classe, é parte do segundo capítulo intitulado “A reconstrução da ontologia do discurso operário no fazer-se classe” da minha tese de doutoramento. Explica o momento em que nascia no Amazonas o sujeito político feminino caracterizado pela combatividade, independência, força e ideal de transformação de sua realidade. Dialogar sobre a temática da participação da mulher no fazer-se classe, no Polo Industrial de Manaus e mostrar como a participação das mulheres foi determinante para as mudanças que apontam para sua emancipação e empoderamento, é o objetivo dessa pesquisa.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As observações realizadas implicaram em anotações fornecidas sobre o tema estudado, bem como registros através de gravação com o propósito de operar com a história oral. Realizamos entrevistas abertas com 11 (onze) trabalhadores, sendo: 06 (seis) ex-operárias(os) militantes do chão de fábrica; 02 (dois) ex-dirigentes sindical; 03 (três) ex-operárias que participaram indiretamente do sindicato. É importante frisar que para a efetivação desse estudo foi celebrado o Termo de Autorização Livre e Esclarecido com cada sujeito participante.

O descompasso que percebemos nesta contextura história dos anos 1980 no Polo Industrial de Manaus é a desigualdade entre homens e mulheres no sindicato. As mulheres, na década de 80, passaram a constituir um número expressivo dentro do sindicato. Operárias como a Luzarina Varela, Socorro Carioca, Flávia Carneiro, Rosilene Martins, Isabel Guimarães, Antônia Cândida, Antônia Priante, Emília Valente, dentre outras mulheres deixaram suas marcas de mulheres combativas. Suas experiências de vida, segundo Torres (2005, p. 247-248), dão conta de que “aos poucos, elas foram vivendo um processo de ressocialização e de mudanças de valores no espaço sindical”.

Ainda assim, para a maioria das mulheres o sindicato representava muito bem a categoria. Como diz Luzarina Varela, 52 anos, “parecia ser uma utopia. Nós acreditávamos que os problemas de nossa categoria e de outras seriam resolvidos pelo sindicato” (entrevista/2011). O reconhecimento da classe está na expressão positiva de sua categoria, pela organização e tomada de outros sindicatos.

No caso das operárias amazonenses, elas concebiam o sindicato como o organismo de fortalecimento da classe operária.

CONCLUSÕES

Os anos 1980 foram de lutas intensas e incansáveis de mulheres e homens. Algumas conquistas como a alteração de salários, melhorias nas condições de vida e trabalho dentro da empresa, a qualidade da água, da alimentação, dentre outras conquistas foram celebradas com festas e vitórias. No campo social conquistaram o direito à saúde do trabalhador com a ampliação de novos convênios³ ou benefícios extensivos aos dependentes de funcionários.

³ Os novos convênios possibilitaram o benefício das creches para os filhos de funcionários da indústria metalúrgica e da construção civil, assistência médica ambulatorial e odontológica via plano de saúde ao trabalhador de carteira assinada. Trata-se de um momento histórico de muitas conquistas, todas elas inseridas nas convenções coletivas.